

**A HERMENÊUTICA ENTRE A FILOLOGIA
E A CRÍTICA TEXTUAL
ONTEM E HOJE: DE PLATÃO A GADAMER**

Ana Paula Correa Barbosa Elias (UNR, PUC-Minas)
anaelias_jf@yahoo.com.br

1. Introdução

También para Mercurio, el dios que habia permanecido libre por más tiempo, habia llegado el momento de casarse. Un paso tan importante exigía una asistencia competente. Virtus le sugirió que se dirigiese a Apolo - y éste le recomendó inmediatamente una candidata doctísima - Philologia, que se distinguía por su acabado saber, que se extendía de la belleza de las cosas celestiales a los misterios del infierno -. Acompañados por las Musas, los tres subieron al Parnaso, a fin de sacralizar el voto de Mercurio por una asamblea de los dioses. A ese fin, Philologia aparece vestida de novia por su madre, Phronesis, pero antes debe vomitar una gran cantidad de libros. Así preparada y aligerada podrá a su vez emprender viaje hacia el cielo...

A hermenêutica¹ é uma disciplina auxiliar da filologia, isso quando quem está dando a definição é um filólogo, e a filologia é uma disciplina auxiliar da hermenêutica quando quem define é um hermeneuta. Aqui, recordar Schleiermacher é inevitável, um dos maiores nomes da hermenêutica romântica afirmava que a interpretação deve sempre contemplar o ponto de vista do autor. No caso presente, para conceituar hermenêutica e filologia, estabelecendo a relação e distinção entre elas, é necessário optar por um dos lados ou fazer a política da boa vizinhança, compreendendo que toda interpretação está intimamente ligada ao sujeito, que o objeto/texto ganha novos matizes quando sob o olhar subjetivo do leitor.

É essencial discorrer que o conceito de hermenêutica modificou-se muito com o decorrer da história, o que para Platão era apenas uma

¹ Origem etimológica do termo: hermenêutica do verbo *hermeneuein* (> *hermeneutiké*), que na semântica original significava a ação de traduzir e interpretar.

técnica de interpretação com caráter mimético, e por isso secundário, com a evolução histórica tornou-se mais abrangente. Se no início a hermenêutica, a filologia e a crítica textual estavam conectadas intimamente, hoje a diferenciação entre elas é plausível, não só devido à evolução da hermenêutica como metodologia das ciências humanas, mas também pela aquisição de um caráter filosófico. Não obstante, a velha trama entre hermenêutica e filologia, existente desde a antiguidade clássica, dá licença, ainda na atualidade, para confusões de uso equivocado de uma no lugar da outra.

Assim como a filologia pode ser dividida em clássica, comparada e das línguas modernas, a hermenêutica também se apresenta de várias formas conforme a época. O importante é que o liame entre as duas, aparentemente, nunca foi motivo para ataques pejorativos; contudo, a falta de ambas no processo ensino e aprendizagem de língua ou de leitura pode ter contribuído para minimizar o papel da educação no que tange a formação intelectual. Acarretando, assim, resultados não desejados.

Surge, então, uma nova teoria para o processo ensino e aprendizagem de leitura para leitores proficientes, inclinando-se sobre os conceitos modernos e tradicionais da hermenêutica, tendo como objetivo o resgate dessa formação intelectual que cede lugar à *educación marrana*¹.

2. *A hermenêutica entre a filologia e a crítica textual ontem: da idade clássica à idade moderna*

2.1. **Origem etimológica e definição dos termos: hermenêutica e filologia**

A definição do termo hermenêutica traz à tona o mito de Hermes, porém, segundo Ferraris (2000), nem sempre foi assim. A arte da compreensão do texto escrito – *hermeneutiké téchne* – só depois de ser praticada e conhecida durante algum tempo é que recebeu a contribuição de ser etimologicamente conectada ao mito citado.

¹ Definição do vocábulo *marrana*: se decía de la persona maldita o descomulgada, o tambien la persona grosera y sin modales.

A expressão é empregada neste contexto indicando o movimento de interferência, influência ou contaminação da cultura secular - cultura '*de las calles*' - na educação formal, que se sobrepõe à formação intelectual.

A denominação etimológica tardia do termo, em parte, oculta e põe em segundo plano a motivação original da prática que acoplava a ideia de *palavra mais realidade* – pensamento mais linguagem. Todavia, a nova designação contribuiu muito com um ponto crucial da hermenêutica que é o fato da não contemplação e sim de transformação. E, a partir de então, através do vocábulo e da conexão hermenêutica < Hermes, que o deus mensageiro passou a ser ícone de correspondência para técnica de interpretação.

Ferraris (2000) esclarece, ao citar Kerényi, esse equívoco etimológico dado ao termo hermenêutica < Hermes:

[...] la derivación a partir de Hermes es una reconstrucción *a posteriore*. Kerényi, que se ha ocupado de la cuestión, aclara el asunto: “*Hermenéia*, palabra y realidad, se halla a la base de todas las palabras derivadas de la misma raíz y de todo lo que “suenan” en ellas: *hermenéus*, *hermeneutés*, *hermeneutiké*. La raíz puede perfectamente ser la misma que la de la palabra latina *sermo*. No tiene en cambio ninguna relación lingüístico-semántica-aparte la semejanza fonética- con Hermes, el dios del aún parte August Boeckh en su presentación de hermenéutica filológica. [...] en primer término en el primitivo significado del término [...] En el sentido originario la palabra, *hermenéia* es la eficacia de la expresión lingüística, que hoy se considera, y con razón, como el alfa y el omega de la hermenéutica” (Kerényi. 1963, 133-134)

Verifica-se, assim, que o equívoco etimológico contribuiu para frisar uma das tendências atuais da hermenêutica, pois Hermes, um mito grego, era o mensageiro dos deuses. Sua função? Transmitir e interpretar mensagens. Aparentemente, o mito nunca se assemelhou a um gravador de reprodução *ipsis literis*, o que deixa margens para perceber que as mensagens reproduzidas aos destinatários não eram simplesmente uma cópia fiel do original, mas uma reconstrução do que havia recebido. Assim, esse não dito por traz do mito é uma das características da hermenêutica que só atualmente ganhou status de regra na interpretação. O sujeito (Hermes/leitor) entre o objeto (mensagem/texto) e a leitura recria o objeto/texto/mensagem, melhor dizendo, ao interpretar a mensagem ouvida, a forma original recebe a contribuição do intérprete e deixa de ser simplesmente uma reprodução literal e, assim sendo, é reconstruída.

Há, porém, outro ponto interessante da origem do termo sobre o qual expõe Domingues:

[...] no tocante à tradição latina, se bem que a arte de interpretar os textos tenha sido praticada sem descanso por romanos e medievalistas, que dedicaram uma atenção especial à tradução dos clássicos gregos e à exegese bíblica, o termo latino hermenêutica será formado só mais tarde, no início dos tempos modernos. Antes de seu surgimento, o nome reservado a tal arte era *ars inter-*

pretandi, que ao que parece se impôs a *hermeneuma* (que é outro nome latino para interpretação), em continuidade com uma tradição iniciada na Antiguidade clássica e desenvolvida com paciência pelos gramáticos da Biblioteca de Alexandria. (DOMINGUES, 2004, p. 347-348)

Que a etimologia do termo apresenta pontos obscuros é fato, entretanto, a técnica de interpretação de textos já era uma prática na Antiguidade clássica e nisso todos os autores concordam. Todavia, no que alude à filologia, percebe-se que, diferente do que pensava Platão sobre a hermenêutica, a filologia apresentava status de erudição.

[...] o conceito de filologia era idêntico, na antiguidade clássica, ao de erudição, não existindo diferença entre *eruditus*, *grammaticus* e *philologus*. A estas denominações podemos acrescentar ainda outra: a de *criticus*. Ao crítico competia o ofício de corrigir e de interpretar os textos antigos. (BUENO, 1954, p. 18)

Eleger uma única definição para filologia não é simples, porém uma característica importante que deve ser destacada é sua relação com a *autenticidade*, no compromisso e na fidelidade ao autor e ao texto “Busca apenas a verdade, prepara o estudante para a crítica reconstrutora das obras do pensamento e da imaginação, mas sempre sob o critério da verdade, da autenticidade.” (BUENO, 1954, p. 29) Enquanto isso, na hermenêutica um dos destaques era para o caminho, ou seja, a ênfase estava na técnica utilizada para se chegar ao entendimento do texto. A filologia não estava preocupada com a mensagem do texto, mas com o texto em si, ao filólogo cabia o distanciamento na pesquisa pela legitimidade do escrito “[...] tentar compreender um texto na qualidade de filólogo [...] não refere o discurso do texto a si mesmo.” (GADAMER, 2004, p. 439) Verifica-se, assim, uma ligeira semelhança entre a metodologia das ciências naturais e a filologia, ao contrário da hermenêutica moderna que se tornou metodologia das ciências humanas, contudo, o que acaba de ser dito poderia suscitar a ideia de que hermenêutica e filologia são disjuntas, e isso incorreria num erro. Esta complementa aquela e não há contrariedade entre elas.

A definição dada por Silveira Bueno de que a filologia possuía a característica de “Dirige-se [...] ao conhecimento de uma civilização, de uma cultura através de documentos escritos, tendo como instrumento principal o estudo da língua em que foram exarados tais documentos.” (BUENO, 1954, p. 23) é excelente no que se refere à tarefa clássica da filologia, porém para a atualidade o conceito pode não está completo.

Ao arriscar definir filologia e hermenêutica, o que há para se ressaltar na relação entre elas é a integração de uma na outra, aqui não há diferenças, mas preenchimentos.

2.2. A hermenêutica para Platão: arte mimética

Para Platão a hermenêutica continha em si, apenas uma única função, a de interpretação, com o sentido puramente prático de transmissão e mediação da mensagem. A hermenêutica, aos seus olhos, era uma arte mimética e, como tal, estava rebaixada a um segundo plano. Os praticantes dessa técnica não acrescentavam nenhum conhecimento novo, apenas transmitiam o que escutavam/liam; enfatizando, quem fazia hermenêutica na época de Platão, e sob seu ponto de vista, comunicava exclusivamente algo já dito por outro. Dito assim, a hermenêutica “[...] *no surge como una teoría de la recepción, sino justo como una práctica de la transmisión y de la mediación. Así es como Platón entiende la hermenéutica; un Platón que, precisamente por eso, la menosprecia [...]*” (FERRARIS, 2000, p. 12)

Apesar da sua contribuição, por ser - Platão - o primeiro a definir hermenêutica como *téchne*, a função dada por ele para essa atividade ficava restrita à imitação do discurso alheio. Talvez por isso Ivan Domingues tenha dito “[...] as duas concepções da hermenêutica – sagrada e profana -, melhor do que em *Platão, que não era hermeneuta, mas filósofo [...]*”. (DOMINGUES, 2004, p. 346 grifo nosso) O que deixa subentender que Platão não tinha a exata noção do conceito da arte da interpretação, por se tratar de um conhecimento que não era específico da área em que atuava.

Hermeneuta, no tempo de Platão, era não só os que interpretavam os oráculos, que transmitiam a mensagem dos deuses aos homens, mas também os poetas, pois seus poemas eram composições de inspiração divina, ou seja, a linguagem usada pelo homem para comunicar o que os deuses queriam dizer, considerada como uma forma de mediação. Nesse contexto, para Platão, os poetas eram os hermeneutas dos deuses “[...] *los poemas homéricos, tenían un valor canónico para la cultura y la sociedad.*” (FERRARIS, 2000, p. 15)

2.2.1. *A hermenêutica entre a Filologia e a Crítica Textual*

Colocando de lado as imprecisões etimológicas e as ponderações de Platão sobre a hermenêutica, há que se considerar que a confusão entre hermenêutica, filologia e crítica textual é uma herança antiga. Senão antes, esse conflito pode ser datado já na Antiguidade clássica com os dois métodos de interpretação existentes no período. Assim, delimitar, isolando o surgimento da hermenêutica do surgimento da filologia é uma tarefa árdua, pois cada autor defende um ponto de vista diferente – observando a área específica de sua atuação.

Contudo, segundo a história da hermenêutica, o museu de Alexandria, mais que uma biblioteca, foi também uma academia de filólogos. A tarefa acadêmica dos filólogos da biblioteca de Alexandria era cuidar dos manuscritos, reunindo e trabalhando para determinar a versão original. E foi a partir do desempenho dessa tarefa que o *método histórico-gramatical* aprimorou-se, e, inicialmente, foi empregado, também, como sinônimo para prática filológica.

Não só em Alexandria, mas também em Pérgamo outra atividade acadêmica própria dos filólogos era praticada, a *interpretação alegórica* - datada de períodos anteriores. Esses dois métodos de interpretação são designados como os dois propósitos que fizeram parte da origem da hermenêutica; no germe da hermenêutica estava o conflito entre método histórico-gramatical e a interpretação alegórica.

Alegoresis y filologia no son pues fases sucesivas de un desarrollo histórico-científico [...], sino que más bien ilustran el doble intento que está en los orígenes de la hermenéutica, así como sus motivos, es a saber, [...] la anulaci3n de la distancia histórica entre texto y lector. (FERRRARIS, 2000, p. 19)

A forma de lidar com o texto era bem distinta nos dois métodos, mesmo tendo como alvo a compreensão do escrito, o método histórico-gramatical dedicava-se ao *sensus gramaticus ou sensus litteralis*, enquanto a interpretação alegórica apoiava-se no sentido dogmático de conservar a característica moral do texto, adequando o mito antigo ao novo leitor.

O método alegórico data de aproximadamente 525 a.C., na tentativa de adaptar os antigos mitos para que o leitor não se escandalizasse com o comportamento inadequado – para aquele novo momento – dos deuses, os textos passavam por uma interpretação alegórica. Quanto ao outro método, a questão a ser observada era puramente linguística, a língua na qual os textos foram escritos havia se modificado muito, necessi-

tando, assim, de uma renovação lingüística. O método histórico-gramatical preocupava-se especificamente com o sentido literal do texto, que fora mortificado com o tempo.

Na era helenística, na biblioteca de Alexandria o método histórico-gramatical se prendia a dois intentos: primeiro, trabalhava para determinar o sentido literal do texto, devolvendo ao escrito o sentido perdido pelas mudanças lingüísticas “*El hermeneuta es un intérprete [...] hace comprensible [...] aquello que ya no se llega a entender [...] sustituyendo una palabra que ha dejado de ser perspicua por outra que corresponde al nivel lingüístico de sus lectores.*” (FERRARIS, 2000, p. 17) tornando, assim, compreensível algo que já não é possível para o entendimento do leitor comum, por tratar-se de um longo distanciamento temporal entre o momento de produção e o de uso. Segundo, assemelhando-se ao que hoje se denomina crítica textual, era preciso não só a modernizar a língua, mas também recuperar a originalidade do escrito, melhor dizendo, determinar a versão original do texto “*La necesidad de reunir y enmendar los manuscritos, de determinar com mayor seguridad crítica la versión original, excluyendo interpolaciones y corrupciones [...]*” (FERRARIS, 2000, p. 16). Foi neste contexto da Antiguidade clássica que a crítica textual contida no método histórico-gramatical expandiu-se.

La determinación del *sensus litteralis* como *sensus grammaticus* se debe a algo más que al deseo de hacer accesible lo incomprendible, y precisamente al intento de recuperar en el presente, sustrayéndolo al aislamiento histórico [...] de hacer ese texto no sólo comprensible, sino en cierto modo incluso presente, de *mostrar la inmutable validez del mismo* [...] (FERRARIS, 2000, p.17 – grifo nosso)

A distância temporal está implicada tanto na crítica textual como na interpretação alegórica. Porém, o distanciamento histórico da primeira não está tão explícito quanto na segunda, pois para a crítica textual a história não está conectada diretamente ao período/contexto histórico, mas sim ao tempo cronológico entre o momento da versão original de um texto e a reconstrução crítica do mesmo. Já para a interpretação alegórica o distanciamento entre o período histórico da produção e o período histórico da leitura faz com que seja necessário, devido diferença histórico-social e cultural entre produção e uso, uma interpretação alegórica, elaborada para adequação do texto ao novo contexto de uso, ao novo leitor.

Assim como hoje a crítica textual pura ainda segue regras preestabelecidas, o método histórico-gramatical caracterizava-se por:

- a. Determinação do sentido literal de um texto;

- b. Transformação gramatical de usos linguísticos entre épocas distintas;
- c. Renovação lexical, para adequação ao momento presente;
- d. Conservação da intenção original do autor;

Quanto aos aspectos do método alegórico destacavam-se:

- a. Alteração para adequação moral da intenção do autor;
- b. Modernização do significado do texto;
- c. Atualização para adequação às ideias do exegeta;
- d. Recontextualização da obra;
- e. Predomínio da intenção do leitor sobre o autor;

A interpretação alegórica, segundo Ferraris, era uma arte sem muita importância, seu uso estava associado às mudanças culturais entre períodos históricos distantes e a adequação de caráter moral. São exemplos da interpretação alegórica:

El ejemplo típico de esta perspectiva alegórica es la interpretación de los dioses y de los héroes como personificaciones de fuerzas naturales o de conceptos abstractos: Agamenón es el éter; Aquiles, el sol; Paris, el aire; Héctor, la luna; etcétera; y más aún, el dios Kronos se identifica – con una interpretación grávida de consecuencias – con el tiempo [chronos] (FERRARIS, 2000, p. 17)

2.2.2. *O novo paradigma hermenêutico: escritos bíblicos e escritos literários*

Nos séculos anteriores ao advento do Cristo, com a atenção voltada para a interpretação do antigo testamento, o objeto de estudo da hermenêutica é modificado. Os escritos bíblicos tornavam-se alvo da interpretação hermenêutica, a ampla utilização dessas regras para compreensão da bíblia, reforçou a técnica e fez com que o conceito de hermenêutica, a partir de então, ficasse conectado durante muito tempo ao paradigma sagrado.

La cultura hebraica se impondrá pronto, en los dos últimos siglos anteriores a Cristo, de los métodos filológicos y del patrimonio cultural [...] Pero los problemas suscitados por la interpretación de la Biblia eran, al menos en parte, distintos de los que provocaba la lectura de los clásicos: presuponer la inspiración divina de los poetas es algo distinto del enfrentarse a un texto que por dogma ha sido dado por Dios y cuyo valor veritativo y no sólo cultural es superior de la tradición literaria (aunque en el mundo antiguo los poemas homéricos tuviesen un valor mucho más canónico que el que tiene nuestra literatura) (FERRARIS, 2000, p. 19)

Para interpretação dos escritos bíblicos foi necessário estabelecer uma aliança entre a filologia grega e a tradição do povo hebreu e, com isso, a necessidade de unir os dois métodos – histórico-gramatical (admitido como método filológico) e alegórico. Após a interpretação do sentido literal procedia-se a interpretação de tipo alegórico. Foi nesse período que a hermenêutica tornou-se conhecida como a técnica de interpretação dos textos sagradas, aos textos literários cabia o método filológico.

Deixava de imperar o ponto de vista platônico no que tange a hermenêutica, o que antes era confundido como uma arte secundária, elevou-se ao status de autêntica exegese. À hermenêutica dos escritos sagrados cabia a função não só de minimizar a mudança ocorrida pela distância temporal, como também situar o texto no presente para que o leitor pudesse compreendê-lo, essa nova postura frente à técnica de interpretação de texto transpôs a ideia de imitação apresentada por Platão. Mais que simplesmente adequar linguisticamente o texto ao contexto de uso, a hermenêutica recriava o sentido do texto através da interpretação alegórica, assim, a leitura interpretativa resultava num novo texto. O conceito de imitação passa ser um grande equívoco, já que a interpretação hermenêutica de alguma forma recriava o escrito, nessa configuração, é possível afirmar que

Somente após um estudo da canonicidade, da crítica textual e da crítica histórica é que o estudioso está preparado para exegese. Exegese é a aplicação dos princípios da hermenêutica para chegar-se a um entendimento correto do texto. O prefixo *ex* (“fora de”, “para fora”, ou “de”) refere-se à ideia de que o intérprete está tentando derivar seu entendimento *do* texto, em vez de ler seu significado *no* (“para dentro”) texto (eisegese). (VIRKLER, 1990, p. 11)

A hermenêutica dos textos canônicos atravessou séculos, foi utilizada em larga escala e ficou conhecida como *a ciência e a arte de interpretação bíblica*, recebeu atenção especial e minuciosa, as técnicas de interpretação foram bem definidas e durante muito tempo foi praticamente o único sinônimo para hermenêutica – ao lado da hermenêutica jurídica. Assim, enquanto a hermenêutica se resumia as escrituras sagradas, a filologia começava a percorrer outros caminhos, o interesse pelas línguas nacionais nos séculos XV e XVI dava início à ruptura entre hermenêutica e filologia “A grande preocupação é a origem das línguas, embora os estudos não tenham base científica nem filológica; assim, sob influência da Bíblia, um número considerável de autores consideravam o hebraico como língua primitiva [...]”. (BASSETTO, 2005, p. 29)

Após tudo o que foi relatado, na Idade Moderna a hermenêutica perdeu seu território, entrava em jogo o racionalismo de Descartes. Co-

mo na hermenêutica os sujeitos (leitor ou autor) sempre eram abarcados no processo de conhecimento, a mudança paradigmática das Ciências Naturais, prezando pela supremacia do objeto, fez com que a hermenêutica, de certo modo, adormecesse durante esse período.

Outros interesses foram despertados e novas formas de conhecimento surgiram. No que tange a linguagem, além do nascimento da linguística também desponta a escola da filosofia da linguagem. A Idade Moderna compreendeu os séculos áureos dos estudos que tinham como foco a língua, ou as línguas comparadas, como para hermenêutica a língua não era objeto de conhecimento - mas um intermediário na comunicação do pensamento e no entendimento entre autor e leitor – ficou em segundo plano. No inverno da hermenêutica, a ciência olvidou-se do sujeito por trás do objeto.

2.2.3. A filosofia da linguagem com Wittgenstein

Sob a influência da racionalidade cartesiana, Wittgenstein (filósofo austríaco considerado como um dos fundadores da filosofia analítica e um dos mais importantes pensadores da filosofia ocidental) na sua fase jovem pensou um ideal de linguagem lógico que pudesse ser reflexo da realidade. Esse modo de pensar aparenta vir ao encontro dos procedimentos científicos que passaram a vigor desde o século XVIII e que abriram caminho à filosofia moderna, sistemática, da razão teórica. No século XX com Wittgenstein tem-se a culminância desse pensamento no que tange a linguagem.

A filosofia da linguagem na concepção de Wittgenstein I descreve um ideal linguístico analítico, na tentativa de construir e dominar uma linguagem perfeita é que se deu esse primeiro momento do autor. Ele via a linguagem sob o viés lógico-matemático com função designativa e instrumental, isto é, para ele a construção linguística poderia apresentar uma estrutura exata. Nessa fase escreveu sua obra *Tractatus Logico-Philosophicus* “[...] um texto clássico moderno [que] promove a teoria da imagem, onde a linguagem significativa reflete a realidade [...]”. (LAWN, 2007.p. 104); se nesse momento a linguagem tinha função descritiva para Wittgenstein, num segundo estágio, com a obra *Investigações Filosóficas*, o autor deu um passo adiante abrangendo a função pragmática.

Assim, partir do Wittgenstein II o ideal de construção de uma linguagem exata abre caminho à situação de uso da linguagem, a metáfora

do jogo entra em ação expondo, ainda que de forma objetiva, o contexto “Para Wittgenstein, o contexto do uso da linguagem não é um contexto teórico; é o contexto de uma prática compartilhada.” (MEDINA, 2007, p. 101). Passou-se, então, a dar importância ao uso, ou melhor, ao conceito de contexto, porém o sujeito desse contexto permanece de fora só observando, usando a metáfora de jogo do autor, o sujeito aparentemente está fora do jogo - o sujeito não joga, apenas analisa o jogo, avalia a linguagem em uso. O mesmo princípio analítico da primeira fase do autor continuava vigorando na segunda, “Wittgenstein pretendeu substituir o subjetivismo e o relativismo por uma objetividade garantida pelos jogos de linguagem [...]” (ROHDEN, 2005, p. 62)

Na transição do Wittgenstein I para o II, tem-se, assim, o *hermeneutic turn* que “[...] retrata e fundamenta a impossibilidade de reduzir a linguagem à perspectiva científico-moderna.” (ROHDEN, 2005, p. 65) caracterizando-se no salto da virada epistemológica para a ontológica. No entanto, o sujeito continua olhando de fora os jogos de linguagem “[...] o único meio de saber o que é linguagem é olhar seus diferentes usos.” (ROHDEN, 2005, p. 57)

Mesmo com todo esse sucesso da filosofia da linguagem, sob a influência das Ciências Naturais, não foi possível calar por muito tempo o sujeito presente no processo do conhecimento, mais uma vez outro paradigma foi quebrado e a hermenêutica renasce com Shleiermacher e tantos outros.

3. *A hermenêutica entre a filologia e a crítica textual hoje: ciências humanas e hermenêutica filosófica*

De seu berço esplêndido a hermenêutica desperta, não era mais possível ignorar os sujeitos envolvidos no ato de conhecer. Primeiro, ao autor foi devolvido o seu lugar de honra na interpretação do conhecimento com a hermenêutica romântica, mais tarde, foi o leitor que recebeu de volta seu papel na trama da interpretação com a hermenêutica filosófica de Gadamer. Então, nascia uma nova metodologia para a ciência, a metodologia hermenêutica das Ciências Humanas que equipara e colocada cada um no seu devido lugar, sujeito e objeto passam a receber a mesma atenção (salvaguardando a função de cada um) no ato de conhecer.

3.1. Hermenêutica contemporânea: Shleiermacher, Dilthey e Gadamer

A hermenêutica com o passar do tempo foi tornando-se mais abrangente, sendo necessário considerar não só a classificação e diferenciação primeira entre hermenêutica geral e hermenêutica específica - aquela sendo determinada como “o estudo das regras que regem a interpretação do texto bíblico inteiro” (VIRKLER, 1990, p. 10) e esta como “o estudo das regras que se aplicam a gêneros específicos, como parábolas, alegorias, tipos, e profecia.” (*Idem*, p. 10) – mas também seguir para a evolução que tal estudo atingiu até a hermenêutica filosófica segundo Gadamer.

A princípio, os estudos hermenêuticos passaram a englobar além dos textos canônicos, também os jurídicos e os textos literários “A partir do Renascimento fixam-se três tipos básicos de técnica de interpretação: hermenêutica teológica (*sacra*), hermenêutica filosófico-filológica (profana) e hermenêutica jurídica (*juris*).” (SCHLEIERMACHER, 2006, p. 2006)

Schleiermacher passou a atender para o caráter da hermenêutica teológica e da hermenêutica filosófico-filológica - deixando de lado a jurídica - na construção de um procedimento de interpretação para investigação científica, para, então, Dilthey continuar e estabelecer uma distinção nos procedimentos entre as ciências humanas e as ciências naturais, a primeira tida como compreensiva e a segunda explicativa.

Enquanto as ciências explicativas buscam determinar as condições causais de um fenômeno através da observação e da quantificação, as ciências compreensivas visam a apreensão das significações intencionais das atividades históricas concretas do homem. (SCHLEIERMACHER, 2006, p. 8)

Schleiermacher e Dilthey, dentre outros, serviram, assim, de esteio para Gadamer elaborar o conceito da hermenêutica filosófica que tem como base uma crítica ao procedimento totalmente racional “[...] o escape para uma certeza clara através do método racional é uma ideia absurda.” (LAWN, 2007, p. 12) Dessa forma, a hermenêutica filosófica ficou então configurada como um procedimento de interpretação que pondera entre a parte e o todo e o todo e a parte num movimento rotatório conhecido aqui como círculo hermenêutico “A ideia de círculo se refere ao constante movimento de rotação entre uma parte de um texto e seu significado total.” (*Idem, ibidem*)

Mais que apenas uma teoria da interpretação, uma arte da técnica do entendimento, ou ainda uma metodologia para as ciências humanas – como pensada por Schleiermacher e Dilthey – a hermenêutica filosófica concebida por Gadamer é a interpretação por si mesma.

Com isso, Gadamer deu um passo à frente e trouxe para hermenêutica filosófica vários conceitos importantes para o entendimento do que venha ser essa hermenêutica hoje, entre esses conceitos estão a fusão dos horizontes, o círculo hermenêutico e o historicismo, e outros. Assim, a hermenêutica moderna passa a ser configurada não mais apenas e exclusivamente como arte de ler corretamente e interpretar textos canônicos “Portanto, hermenêutica começa a vida como um procedimento ou técnica para interpretação de textos sagrados e clássicos” (LAWN, 2007, p. 21) e chega à modernidade contrapondo a objetividade científica da ciência moderna racionalista ao subjetivismo dialógico entre os interlocutores do texto.

Para melhor contextualização da hermenêutica filosófica, é significativo relatar um pouco sobre quem foi Gadamer. Hans-Georg Gadamer nasceu na Alemanha em 1900 e morreu aos 102 anos, era filósofo e sua obra principal é *Verdade e Método* de 1960. Gadamer se pôs a estudar a hermenêutica questionando o dogmatismo racionalista científico do século XIX que teve em Descartes seu principal expoente “quase todos os pensadores significativos do século XX começam, invariavelmente, com ataques ao funcionalismo cartesiano [...]” (LAWN, 2007, p. 17) e o autor em questão não fugiu a regra. Surgia, então, uma nova racionalidade do conhecimento científico denominada como dialético-retórica.

Gadamer partiu da hermenêutica tradicional/clássica seguindo para além dos limites dessa, “Ele trabalha na tradição da hermenêutica e, emergindo dela, seu trabalho é conhecido como hermenêutica filosófica.” (LAWN, 2007, p. 21) Ao pensar a hermenêutica como uma teoria do conhecimento, o autor trata da relevância da experiência, da subjetividade nessa teoria, contudo essa subjetividade deve ser vista como relação entre sujeito e objeto, visão na qual o sujeito sempre está presente no ato de conhecer.

A hermenêutica filosófica, enquanto uma teoria do saber, amplia a razão instrumentalizada, recoloca e fundamenta o problema do conhecimento, da metafísica. A filosofia mantém “um certo nexos com o saber pré-teórico e com a totalidade do mundo da vida que não pode ser objetificável”, que, diferentemente da metafísica grega e moderna, retoma e reconstitui o esquema sujeito-objeto num nível relacional, situado historicamente, onde os polos são conservados e ampliados, sem supremacia de um ou outro. (ROHDEN, 2005, p. 77)

A hermenêutica seja filosófica ou como metodologia das ciências humanas destacou o papel do sujeito por trás do ato de conhecer, o que para a filologia sempre evitou, não que isso indique uma ruptura entre elas. O que convém ratificar é a complementação, uma está associada à outra.

3.2. Olhando para trás: a relação entre a hermenêutica e filologia hoje

O distanciamento histórico do surgimento da hermenêutica e da filologia, considerando o desenvolvimento de ambas, deixa transparente a relação entre elas. O liame entre hermenêutica e filologia não deve ser ignorado mesmo quando a atenção está voltada para uma delas. Hoje a filologia, aparentemente, segue um caminho independente da hermenêutica, porém a evolução histórica indica que aquela compõe esta, a *hermenêutica filológica*¹ é questão esclarecida quando se contrapõe historicamente as duas.

A história da hermenêutica nos ensina que junto com a hermenêutica filológica existiram também uma hermenêutica teológica e uma hermenêutica jurídica, e que somente as três juntas perfazem o conceito pleno de hermenêutica. Uma das consequências do desenvolvimento da consciência histórica nos séculos XVIII e XIX foi a desvinculação da hermenêutica filológica e da historiografia de seu vínculo com as outras disciplinas hermenêuticas, estabelecendo-se automaticamente como teoria metodológica da investigação do espírito. (GADAMER, 2008, p. 407)

O estudo filológico nasceu com a hermenêutica e dela não se delimitou. A filologia é uma hermenêutica especial, sempre atenta ao seu objeto, não abarca o sujeito-leitor por traz do texto, no entanto, a hermenêutica tomou vários caminhos, tornando-se multifacetada. Observando ou não o sujeito, entre as várias faces da hermenêutica – seja como técnica de interpretação, seja como metodologia para as ciências humanas, ou a-

¹ Aqui não está em discussão a relação filologia e linguística, e nem tão pouco aspectos da filologia como: gramática histórica, filologia românica, geografia linguística e outros. Durante todo este escrito a atenção está especialmente voltada para filologia e para hermenêutica enquanto formas de interpretação textual, mais especificamente do texto escrito. O escrito é o elemento em destaque aqui, mesmo entendendo que isso torne, até certo ponto, incompleta a questão abordada. No esforço de conceituar a relação hermenêutica e filologia - utilizando para tal o gênero artigo, seria demasiado abarcar outros aspectos. A eleição proposital da linguagem verbal, como foco para este estudo, justifica-se pelo objetivo implícito por traz de todo este artigo (que se torna explícito a partir daqui) a educação, mais particularmente o processo ensino e aprendizagem de leitura.

inda, como filosofia – está a face filológica. Entender que a filologia sempre esteve unida à hermenêutica é um modo de esclarecer que entre os objetivos da hermenêutica existe um para o qual é imprescindível, mesmo que momentaneamente, colocar o sujeito de lado para compreender e resgatar o sentido original do texto, estudando, assim, o veículo do pensamento mais objetivamente, fechando os olhos (só temporariamente) para a subjetividade do terceiro elemento da/*na* interpretação.

Aquele que tenta compreender um texto na qualidade de filólogo ou historiador não refere o discurso do texto a si mesmo. Apenas procura compreender a opinião do autor. Na medida em que procura apenas compreender, não se interessa pela verdade da coisa referida como tal, mesmo quando o próprio texto pretende ensinar a verdade. Nisso o filólogo e o historiador concordam. (*Idem*, p. 439)

Objeto/texto, autor e investigador/leitor são peças importantes na interpretação do conhecimento e, hoje, já não carece tanto definir, ou discutir, o papel dos três. Na abordagem hermenêutica a supremacia (seja do texto, do autor ou do intérprete) cedeu espaço à democracia, mesmo sendo necessário estudar particularmente cada um ao seu tempo, a interpretação culminará quando o conjunto for percebido e inter-relacionado.

É nessa visão que a filologia pode ser denominada *hermenêutica filológica*, ainda que outras questões da filologia tenham sido, intencionalmente, ignoradas aqui, e com isto possa suscitar críticas, ratifica-se que a interpretação do texto escrito é o grande foco em questão no momento.

4. Analogias

4.1. Hermenêutica aplicada ao ensino

Entender a hermenêutica aplicada ao ensino é considerar que o leitor em questão já tenha adquirido o status de leitor proficiente, o que indicaria ter desenvolvido, como requisito mínimo, todas as competências de leitor iniciante do ensino fundamental. Para trazer toda a trajetória da hermenêutica para o processo ensino e aprendizagem de leitura somente através de analogias, pois hoje as questões hermenêuticas vão muito além da interpretação do texto escrito. Com isso, torna-se necessário conhecer o contexto atual da hermenêutica em analogia com o texto escrito.

Visto que, atualmente, para hermenêutica o texto não é um parceiro silencioso, mas sim a voz do outro com quem o leitor estabelece um diálogo. Portanto, o texto deve ser ouvido e segundo os conceitos da hermenêutica filosófica é necessário que o intérprete esteja aberto para escutar o que o texto tem a dizer. O leitor intérprete só entrará em fusão com o texto quando ao perguntar, souber aceitar a resposta do outro, então, numa postura de acolhimento se dará a fusão de horizontes conforme expõe Gadamer, assim o texto não será silenciado.

Em hermenêutica, a coisa mais importante não é aceitar o texto como sendo um parceiro taciturno e silencioso, mas sim como uma voz ativa numa conversa constate; uma boa prática hermenêutica é ouvir o texto e se subordinar a ele. (LAWN, 2007, p. 41)

Na relação entre intérprete e interpretado há mais que um simples encontro com o *dito*, pois para além das palavras se percebe e se descobre o *não dito*. No ato da leitura o diálogo só acontece plenamente quando o presente/leitor percebe e consegue compreender o passado/texto, e dessa forma o intérprete entra em processo de expansão do conhecimento.

Quando alguém lê um texto, fica subentendido, não simplesmente fazendo sentido as palavras na página, mas permitindo que o horizonte do texto se misture com o horizonte do leitor de tal forma que o leitor seja afetado pelo encontro com o texto [...] aquilo que consideramos como absolutamente certo pode ser redefinido, mudado e reorganizado pelo ato da leitura. (LAWN, 2007, p. 95)

É importante frisar que para a hermenêutica filosófica o leitor não é apenas um ser do presente, mas também é parte de um efeito histórico e na intersecção leitor e texto dois horizontes historicamente construídos entram em colisão ou se harmonizam.

É no ato da leitura interpretativa que ocorre o diálogo “[...] a interpretação de um texto é uma conversação entre o texto e seu intérprete.” (MEDINA, 2007, p. 89) Nela estão presentes dois horizontes distintos o do leitor e o do texto, a leitura deve ser um diálogo interativo entre esses dois horizontes, e a interpretação ocorrerá a partir do momento que se perceber que o “[...] entendimento é basicamente histórico.” (LAWN, 2007, p. 74) Na relação texto e leitor há um passado e um presente a ser considerado de ambos os lados. Se é preciso conhecer o contexto histórico do qual o texto fez parte, também o pré-conhecimento do leitor interfere na compreensão.

Todo entendimento acontece a partir de um horizonte incrustado, mas tal horizonte é necessário e interconectado, de forma ubíqua, com o passado. Seria um erro dizermos que estamos sempre presos no passado, quando estamos

constantemente num presente através do qual o passado nos fala. (LAWN, 2007, p. 94)

A relação texto/leitor deve ser vista através da ideia de intersubjetividade, pois são dois sujeitos interagindo sob a escrita, o sujeito que escreveu, considerado como o outro, é o *ser-com*, e o que interpreta o escrito, o *ser-aí*. Nessa relação não pode haver supremacia nem do autor, nem do texto escrito e nem do leitor intérprete. O texto nesse caso é o objeto a ser compreendido, ele é a voz do autor fixada pela escrita.

O significado do texto escrito é sempre visto pela lente do leitor, seu contexto histórico é que determinará esse significado, pois

[...] a posição do intérprete, ou daquele que procura entender, não é fixa (como a ciência concebe que o observador seja); pelo contrário, o intérprete é sempre, como parte da tradição, o efeito da interpretação prévia. Não pode haver posição neutra, na qual a *interrogação* ou entendimento acontece, pois o local de interpretação é por si só o efeito do passado sobre o presente. A soberania do sujeito é mais uma vez considerada como sendo fictícia, pois o intérprete é pouco mais que o efeito da tradição ao invés do sujeito controlador. (LAWN, 2007, p. 95)

E por isso, mesmo o texto sendo fixo, as possibilidades de interpretação cambiam de leitor para leitor. O significado do texto está em constante mudança, pois depende de quem lê e do momento em que se lê. O texto é uma mensagem escrita por um sujeito num determinado contexto histórico e a interpretação dessa mensagem por outros sujeitos, em contextos históricos diferentes interfere nas possibilidades de significado desse texto. O texto é sempre o mesmo, pois “O texto escrito não muda, mas as possibilidades sim, isto é, para Gadamer, as verdadeiras possibilidades mudam, pois são infinitas.” (LAWN, 2007, p. 87) as possibilidades de interpretação sempre estão sujeitas ao observador.

A hermenêutica como técnica de interpretação - hermenêutica antes de Gadamer – auxilia o leitor a não fugir para muito além da ideia do texto conforme pensado pelo escritor. Schleiermacher defendia uma hermenêutica que se preocupasse com o pensamento original do autor “[...] o objetivo final de sua hermenêutica é a compreensão do autor e não apenas a compreensão do texto enquanto texto [...]” (SCHLEIERMACHER, 2006, p.20)

Se com Gadamer pode-se perceber o não *dito* por trás do *dito*, com Wittgenstein e outros que vieram antes de Gadamer é possível minimizar a polissemia na leitura utilizando técnicas específicas, ou seja,

olhando o texto de fora do campo¹. O encontro entre os conceitos da filosofia da linguagem, da hermenêutica clássica e da hermenêutica filosófica unem-se no entendimento do texto, ora buscando a visão do autor para além do que foi escrito. Dito assim, “Um texto tem um significado mais amplo, além daquelas palavras literais das quais é composto [...]” (LAWN, 2007, p. 101); ora detendo-se no texto, naquilo que foi escrito, dito assim “Uma abordagem filosófica da compreensão linguística deve distinguir entre a habilidade de compreender a fala e a habilidade de especificar como se compreende a fala em uma teoria.” (MEDINA, 2007, p. 103)

A interpretação do texto pode ser vista sob dois aspectos - seguindo conceitos hermenêuticos anteriores a Gadamer - que dividem a interpretação em gramatical e psicológica. Schleiermacher diz que a compreensão metódica de um texto “[...] pressupõe que sempre haja ‘diferenças de linguagem’ e ‘diferenças de pensamento’ entre o falante e o ouvinte, entre o escritor e o leitor.” (SCHLEIERMACHER, 2006, p. 16. Grifo nosso) A hermenêutica na visão de Schleiermacher precisava atender tanto para questão “[...] do domínio linguístico do autor e de seu público original.” (*Idem*, p. 17) quanto para o sentido gramatical da palavra dentro do contexto. A interpretação psicológica pretende, assim, entender o estilo do autor enquanto a interpretação gramatical faz uma análise léxico-sintática. Esta é muito usada pela hermenêutica clássica/teológica que indica regras específicas.

A análise léxico-sintática fundamenta-se na premissa de que embora as palavras possam assumir uma variedade de significados em contextos diferentes, elas têm apenas um significado intencional em qualquer contexto dado. (VIRKLER, 1990, p. 72. Grifo nosso)

Percebe-se assim que, a prática de interpretação adota não apenas uma única configuração, mas que uma gama de fases para se chegar ao entendimento que passa pela tradição hermenêutica, pela filosofia da linguagem e encontra com a hermenêutica filosófica. Uma abordagem não anulando a outra, apenas complementando e contribuindo para o processo.

Mas quanto mais a interpretação vai além da simples identificação do interpretado e, como resposta, se torna, como acontece nos signos do mundo humano compreensão respondente, tanto mais ela pede uma tomada de posição, uma escolha, se expõe e se aventura para além do interpretado. Quanto mais entre o interpretado e o interpretante existir uma relação de alteridade,

¹ O termo CAMPO aqui foi usado em referência aos *jogos* de linguagem.

tanto mais se pode atribuir à interpretação o caráter de uma relação dialógica e falar, neste sentido, do interpretante em termos de ‘resposta’. (PONZIO, 2007, p. 94)

5. Conclusão

Com um olhar no passado e outro no presente, percebe-se que de Platão a Gadamer muitas contribuições foram anexadas à hermenêutica. O que era uma técnica para Platão, ganhou uma dimensão incrível, percorreu uma longa estrada e com Gadamer tornou-se filosofia. A hermenêutica hoje pode ser percebida separadamente como técnica para interpretação do texto escrito, o que se aproxima do conceito clássico, como metodologia de investigação para as ciências humanas ou, como filosofia. Porém, o mais interessante é poder reunir tudo isso para criar uma teoria para o processo ensino e aprendizagem de leitura.

Assim, a partir do momento que se compreende as várias fases da hermenêutica e a relação entre ela e filologia, torna-se mais fácil interpretar o texto escrito entendendo os papéis que texto, autor e leitor desempenham nessa engrenagem. Levando para o ensino de leitura uma técnica mais completa, com procedimentos e regras específicas, mas que não deixa de lado a responsabilidade não só de formação do leitor intérprete proficiente, mas também pondera num sentido filosófico sobre a interação desse leitor no seu contexto social.

A analogia da hermenêutica filosófica com a leitura interpretativa permite o estreitamento entre a tarefa mecânica da leitura de um texto escrito e as relações intersubjetivas da realidade, desenvolvendo no leitor a competência de saber-se sujeito ativo do processo, avaliando o peso da sua participação sem desconsiderar os demais envolvidos. Preparar o leitor intérprete eficiente é presentear a sociedade com um sujeito capaz de agir criticamente com responsabilidade.

Reunir os conceitos da hermenêutica tradicional com os conceitos da hermenêutica contemporânea numa teoria para o processo ensino e aprendizagem de leitura é uma forma de confirmar o papel da escola como formadora intelectual, sem esquecer sua função social de educar. Consagrando e devolvendo ao espaço escolar à cultura intelectual que muitas vezes cede seu lugar para a ‘cultura da rua’, transformado o espaço separado para educação intelectual num espaço de *educación marrana*.

Radial ou não, o ângulo exposto defende que modernizar a educação é diferente de sucateá-la, quantidade sem qualidade não é benefício,

é embromação. Se o aluno vai para escola adquirir competências que a cultura secular dá conta de desenvolver, quem vai desempenhar o papel da escola de formação cultural intelectual?

As respostas não estão prontas, o que se apresenta aqui é um breve esboço de uma nova possibilidade para educação, uma nova teoria para a formação do leitor proficiente, se preencherá lacunas da atualidade só o tempo dirá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALSTON, P.W. *Filosofia da linguagem*. Tradução Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da educação*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

_____. *História da educação e da pedagogia: geral e Brasil*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

AUROUX, Sylvain. *Filosofia da linguagem*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2009.

ÁVALOS, Magdalena Viramonte de. *Comprensión lectora: dificultades e estratégias en resolución de preguntas inferenciales*. Buenos Aires: Colihue, 2004.

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *La hermenéutica y las ciencias sociales*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

BUENO, Francisco da Silveira. *Estudos de filologia portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1954. (Volume I)

CUNHA, Antônio G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

DILTHEY, Wilhelm. *Dos escritos sobre hermenêutica: el surgimiento de La hermenéutica y los esbozos para una crítica de la razón histórica*. Madrid: Ágora de Ideas, 2000.

DOMINGUES, Ivan. *Epistemologia das ciências humanas*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. Tradução Alice Kyoko Miyashiro. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FERRARIS, Maurizio. *Historia de la hermenéutica*. Tradución de Jorge Pérez de Tudela. Milán: Ediciones Akal, 2000.

FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica em retrospectiva*. Tradução de Marcos Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Verdade e método I*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

HUISMAN, Denis. *Dicionário dos filósofos*. Vários tradutores. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 12. ed. Campinas: Pontes, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*. Tradução de Hélio Magri Filho. Petrópolis: Vozes, 2007.

LAW, Stephen. *Guia ilustrado Zahar: filosofia*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MEDINA, José. *Linguagem: conceitos-chaves em filosofia*. Tradução de Fernando José R. da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PEGORARO, Olinto. *Ética dos maiores mestres através da história*. Petrópolis: Vozes, 2006.

PONTE, José Camelo. *Leitura: identidade & inserção social – biopsicoé-
tica & educação*. São Paulo: Paulus, 2007.

PONZIO, Augusto; CALEFATO, Patrícia; PETRILLI, Susan. *Funda-
mentos de filosofia da linguagem*. Tradução Ephraim F. Alves. Petrópo-
lis: Vozes, 2007.

RICOUER, Paul. *Del texto a la acción: ensayos de hermenéutica II*. 2.
ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

ROHDEN, Luiz. *Hermenêutica filosófica: entre a linguagem da experi-
ência e a experiência da linguagem*. São Leopoldo: Unisinos, 2005.

SCAVINO, Dardo. *La filosofía actual: pensar sin certezas*. Buenos Ai-
res: Paidós, 1999.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Hermenêutica: arte e técnica da
interpretação*. Tradução de Celso Reni Braida. 5. ed. Bragança Paulista:
Editora Universitária São Francisco, 2006.

SOLÉ, Isabel. *Estrategias de lectura*. Barcelona: Graó, 2008.

VIRKLER, Henry A. *Hermenêutica: princípios e processos de interpre-
tação bíblica*. Tradução de Luiz aparecido Caruso. Venda Nova: Vi-
da, 1990.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Tradução de Mar-
cos G. Montagnoli. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Tractatus logico-philosophicus*. Tradução, apresentação e estudo
introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos; Introdução de Bertrand
Russell]. 3. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.